



Vozes das mulheres anarquistas no Rio da Prata

Ingrid Ladeira¹

A questão da mulher foi uma das marcas da discussão anarquista, mesmo que permeada por conflitos e ambiguidades. Os libertários, reservaram um espaço, ainda que pequeno, para discutir a situação social da mulher em fins do século XIX e início do XX na chamada ordem burguesa e até mesmo para apontar os contornos de um novo arranjo social/sexual que redimensionaria as relações entre homens e mulheres na Anarquia.

Com maior ou menor projeção, os discursos de igualdade de gênero e da emancipação feminina se faziam presentes no cenário latino-americano, em especial no espaço do Rio da Prata, estimulando a publicação de artigos que ensejavam a reflexão sobre a posição da mulher na sociedade dominada pelos homens, a emancipação feminina e a igualdade de gênero. Assim, a imprensa libertária marcava sua importância política ao abrir espaço para as questões de gênero, em uma conjuntura marcada pelos discursos científicos de inferioridade feminina e pela ascensão dos movimentos de emancipação da mulher.

Ao pesquisar os escritos femininos em diversos periódicos ácratas percebemos que as mulheres estavam preocupadas com questões políticas que tinham grande influência sobre a vida de mulheres e homens, como a destruição do Estado, o fim da propriedade privada, a crítica à religião católica e seu clero, a propaganda da anarquia, a transformação das relações sociais opressivas, as mudanças na vida econômica, entre outras.

Muitas mulheres trabalhadoras encontravam no ideário anarquista e seu movimento político espaço para elaborar e explicitar suas reivindicações, para problematizar questões referentes à condição especificamente feminina, sem subordiná-las, estrita e necessariamente, às questões de classe social.

As militantes anarquistas rio-platenses estavam sendo influenciadas pelas concepções de várias mulheres anarquistas de projeção internacional, como Emma Goldman e Louise Michel, que discutiam, fundamentalmente, a emancipação feminina e temas correlatos à

¹ Doutoranda em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Pesquisadora Associada do LPPE/UERJ



sexualidade, como o amor livre, a livre união, a maternidade voluntária, além da religião e política. A intenção de produzir textos para serem publicadas na imprensa anarquista seria mobilizar as mulheres, despertá-las para sua própria emancipação. Para as anarquistas, não bastava incluir as mulheres no mundo dominado pela figura masculina, mas discutir as razões de tal domínio e destruir os poderes que organizavam essa referência. Nas páginas dos periódicos libertários, temas como a emancipação feminina, a implementação da Anarquia, o amor livre, a livre união, o anticlericalismo, o antimilitarismo alimentavam os artigos escritos por mulheres. Nessa época, era incomum que os próprios periódicos fossem fundados, dirigidos e os textos redigidos por mãos femininas, como foi o caso dos que eram publicados nas folhas *La Voz de la Mujer* (1896-1897) e *Nuestra Tribuna* (1922 e 1925). Esses jornais noticiavam e interagiam com outros movimentos de mulheres anarquistas da Espanha e da Itália, das quais compartilhavam textos, notas e informações.

As temáticas do periódico *La Voz de la Mujer* podem ser divididas em duas dimensões: as temáticas próprias do socialismo-libertário e as temáticas exclusivas das mulheres. Algumas temáticas do socialismo-libertário são: anticlericalismo, exploração do capital, antimilitarismo, propaganda pelo fato, combate ao Estado, a religião, ao clero; as temáticas exclusivas das mulheres são: emancipação feminina, sexualidade, amor livre, união livre, maternidade consciente, tráfico de mulheres, entre outros temas correlatos.

Após o desaparecimento do *La Voz de la Mujer*, em janeiro de 1897, o periódico *Nuestra Tribuna* reavivou a tradição de publicar jornais de mulheres para mulheres. Embora não fizesse menção ao seu antecessor, separados por 25 anos, a nova folha também conclamava as mulheres a lutarem pelos seus direitos aos “prazeres da vida”. O grupo editor contava com Fidela Cuñado, Terencia Fernández e María Fernández e durante toda a sua existência esteve sob a administração e redatoria de Juana Rouco Buela, importante militante do anarquismo e dedicada propagandista das mulheres e da *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA).

O jornal priorizava artigos escritos por mulheres, rechaçando qualquer possibilidade de publicar ensaios que tivessem pseudônimos como assinaturas. Grandes mulheres anarquistas como Soledad Gustavo, Teresa Claramunt e Federica Montseny tiveram parte de suas obras publicadas no “quinzenário feminino de ideias, arte, crítica e literatura”. Entretanto, a intelectualidade anarquista era pouco valorizada pelo grupo editor; as

militantes contavam com um espaço de participação maior no jornal, onde a anarquista anônima era valorizada e estimulada a se expressar. Na defesa das mulheres e em prol da implementação da anarquia, Pepita Gherra (Guerra) foi colaboradora assídua de periódicos anarquistas de diversas correntes no final do século XIX. No periódico *La Voz de la Mujer* produziu sistemáticos conteúdos para a publicação, assumindo quase toda autoria da folha a partir do exemplar de número sete; ao todo foram 12 artigos. Posteriormente, voltou a escrever nos periódicos *La Protesta Humana* e *El Rebelde*, o qual foi fundado em 1898 e se opunha às tendências organizadoras predominantes no interior do movimento anarquista depois do ano de 1897.

A “Louise Michel” de Rosário, como Virginia Bolten ficou conhecida, publicou em diversos periódicos anarquistas a partir do ano de 1899; teve participação ativa no jornal *El Rebelde* onde apareceu pela primeira vez em 1899 anunciando a versão rosarina do *La Voz de la Mujer*. Pertencia ao grupo *Las Proletarias* juntamente com outras duas militantes do anarquismo. Vários de seus escritos e avisos foram publicados no periódico *La Protesta Humana*, no qual teve presença destacada entre os anos de 1899 e 1910.

Juana Rouco Buela foi uma das principais militantes anarquistas do anarquismo rio-platense nos princípios do século XX. Seu discurso girava em torno de questões femininas e políticas, produziu diversos textos em que defendia a liberdade da mulher, a liberdade do homem e a emancipação de toda humanidade. De origem espanhola, nascida em Madri no ano de 1889, era filha de um operário e de uma costureira. Em busca de melhores condições de vida, a mãe enviou o irmão de Juana para Buenos Aires, cidade do reencontro dos irmãos no ano de 1900, quando ela aportou em solo argentino. Foi na capital da Argentina que Juana conheceu, ainda jovem, o anarquismo. Juana Buela participou ativamente das atividades da FORA. Seu primeiro grande evento foi em 1904, quando tinha apenas 15 anos, na Plaza Mazzini, local onde acontecia uma manifestação organizada pela FORA e pelo Partido Socialista.

As mulheres anarquistas, portanto, tiveram uma participação crucial nas lutas políticas travadas na época, seja em suas casas, seja nas fábricas onde trabalhavam, ou em qualquer outro ambiente em que se inseriam, sobretudo, na imprensa. Reconhecer sua importância e seu valor na denúncia e resistência a uma sociedade exploradora e opressora se faz fundamental para percebermos que a mulher pode ser protagonista, tanto quanto o homem, na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

Indicações bibliográficas:

BUELA, Juana Rouco. *Historia de un ideal vivido por una mujer*. Madrid: La Malatesta Editorial, 2012

FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. *Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017



Exemplo de como citar: LADEIRA, Ingrid. **Vozes das mulheres anarquistas no Rio da Prata.** 2022. Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/interativo>. Acesso em: 21 jan. 2023.